

# REVISTA TRIMENSAL

DE

# HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

---

**2º Trimestre de 1848.**

---

## O CARAMURU PERANTE A HISTORIA

Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. ,

Quasi todas as nações offerecem exemplos, nos primeiros tempos da historia da sua civilisação, de contos maravilhosos que as acalentaram no berço, e depois entreteram a fantasia de seus povos, em quanto estes não tinham de si muito que dizer. Ha n'esses contos quasi sempre um fundo verdadeiro : nem era possivel a quem tinha pouco de que historiar esquecer-se de um feito extraordinario praticado por homeus mais eminentes de corpo ou de espirito, ou oriundos de gente de maior illustração, aos quaes os simples aborigenes selvagens deviam de ter venerado como creaturas de outra especie, como deuses ou semi-deuses.

Formado assim um verdadeiro *mytho heroico*, propaga-se tomando corpo de geração em geração, e frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só individuo os casos notaveis occorridos a differentes pessoas. O povo não está

á espera de que appareçam chronistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um facto que lhe aguça a curiosidade. Depois d'elle succedido conta-o, torna-o a contar : a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo (1), o espirito associando, e no fim de annos tem a historia sahido d'esse chaos, d'essa Babel de linguas dispersas já outra, sempre para mais pasmosa e estupenda : e tanto mais o fôr, tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmite com o leite. O historiador só apparece mais tarde quando o povo se tem constituido e adiantado em civilisação; mas d'esse facto que ao povo interessou, e pela fórma que lhe interessou, já elle tem registado a historia n'um archivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho : é o da tradição.

Quantos exemplos não poderamos citar de crenças d'estas tradicionaes, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa critica entre o pequeno numero comparativo dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservarão para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d'esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrario? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extipar-lhe as raizes. Fazem uma religião, cujos sectarios se não achassem terra que lhes servisse de patria, prefereriam antes peregrinar errantes como os filhos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. O rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, o Cid campeador e até o rei D. Sebastião vivem para a historia differentemente do que para a poesia e cronga popular. Succede como na Mythologia : todos sabemos que ha n'esta uma parte historica, e outra imaginativa ; aprendemos até nas escolas a distingui-las : entretanto quando lemos um poeta classico acreditamos com igual fô assim as entidades que tiveram

(1) Foi este pensamento que os antigos formalisaram no proverbio:

Quem conta um conto  
Accrescenta um ponto.

uma existencia historica, como as propriamente fabulosas. Quem nos dá a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos, vibrando-nos as cordas do sentimento.

E' esta convicção em que estamos de que nenhum mal póde já a critica desapaixorada produzir para arrefecer o entusiasmo pela nossa epopéa brasileira, e o muito desejo de que nos possuimos de tratar um assumpto em que o Instituto mostrou empenho, quando o submetten a concurso, que nos dá forças para entrar n'elle : o que faremos expondo primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão d'elles e á luz da critica guiar o resto, e quando evidentemente seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre duvidas e mal provado, procuraremos esclarecer até onde nos fôr possível a questão especial da sua decantada viagem á França, que é o assumpto dado por programma, e constitue uma parte do todo da questão.

Desembaracemo-nos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar, e ponhamos tambem de parte, ainda com mais razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos perscrutar documentos, que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A noticia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante colleção ( T. 5º Doc. X ) o Sr. Navarrete, na relação que publica de Francisco d'Avila, do que passou a náo S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaísa ( de que fazem menção *Barros*, Dec. 1º, part. 1ª, liv. 2º cap. 2º, e *Conto*, Dec. 4ª, liv. 3º, cap. 3º ), em quanto ainda junta com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1º do Julho de 1526, da qual quando sahia observa ( Ibid. pag. 231 ) que « halló à la boca de la Bahia un christiano » que decia que habia 15 annos que se habia perdido alli « con una náo. »

Segue-se pela ordem chronologica a attestação do nosso donatario Pero Lopes na dita Bahia entrado com seu ir-

mão Martim Affonso aos 13 de Março (2) de 1531, e que se expressa d'este modo :

« Nesta Bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 annos que estava n'esta terra ; e deu razão larga do que n'ella havia. »

Vem depois pela mencionada ordem o testemunho de Herrera ( V, — 8. — 8 ) referindo-se ao anno de 1535 : « En la Baía de los Santos hallaron un portugues que dixo « que habia 25 annos que estaba *entre los indios*. »

Eis pois tres documentos, cada um de fonte diversa, apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 *estivera na Bahia entre os indios* um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão, que deixe a menor duvida de que o mencionado europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma sabida ou viagem á Europa : pelo contrario são n'este ponto bem expressos, principalmente os dois ultimos, que só fallam de estada ou persistencia na terra e entre os indios ; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum d'elles deixaria de o mencionar.

Portanto já d'aqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se póde exigir na historia, sem cahir no vicioso septicismo, de que esse tal christão até o anno de 1535 não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrario viveu sempre com os indios desde o anno de 1510, em que ali ficára de algum naufragio, que não admira tivesse lugar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do pão brasil, trafico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz ( 3 ) ; se bem que a respeito do

(2) Veja-se o *Diario*, &c., pag. 17.

(3) De uma d'estas viagens feita em 1511 acabamos de encontrar uma importantissima noticia circumstanciada, que dá idéa de como seriam todas as outras. É o livro em que o escriptão Duarte Fernandes assentava tudo quanto dizia respeito ao navio e se passava a bordo. Vem um pequeno roteiro de viagem até á bahia de Cabo Frio (atras porto do Rio de Janeiro) aonde foram, o regimento que levavam, a carga que tomaram de escravos, brasil, passageiros, tuins, saguins, &c. Estamos a tirar d'elle uma copia fiel para a submeter ao prelo, com algumas elucidações.

modo como elleahi podia ter ficadoapresente o Sr. Navarrete (na nota da pag. 170 do T. 5º) uma opinião, que não deixa de merecer toda a aceitação. Diz este sabio historiador geographo (a quem cada vez devemos mais respeito e consideração) que no archivo geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas ( Legajo 3º dos rotulados *De relaciones y descripciones* ) existe mal tratada uma relação original, feita pelo capitão general Diogo de Garcia, das derrotas e navegações que fez na segunda viagem ao Rio da Prata desde a sua sahida da Curunha em 15 de Janeiro de 1526 ; e n'ella menciona como na primeira viagem que fizéra 15 annos antes perdêra uma caravela. Ora se elle n'essa primeira viagem tambem partiu da Galliza, poderia a tal caravela sem difficuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como minhoto e natural de Vianna ( não sabemos com que fundamento ) ; mas até encontrámos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do norte, comprehendendo os proprios portuenses, que se distinguem por uma pronuncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v*, e vice-versa.

No Brasil como a maior força de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a accepção do vocabulo, chamando-se muitas vezes indistinctamente gallegos aos filhos do reino. Mas o Diogo Alvares pôde ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia que teria tido na Galliza, se é que lá embarcára. O documento em que, como dissemos, se dá a Diogo Alvares a alcunha de gallego, é uma carta do donatario Pero de Campo Tourinho, escripta ao rei D. João III de Porto Seguro aos 28 de Julho de 1546, e existente em Lisboa no archivo da Torre do Tombo ( Part. 1ª, Maç. 78, Doc. 45 do Corp. Chron. ), a qual revela mais algumas circumstancias de que n'esta dissertação aproveitaremos.

Na intrega d'esta carta, que passamos a transcrever, dispensar-nos-hemos dos escrupulos em seguir a orthographia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel para o nosso fim, lhe não podia dar mais authenticidade uma vez que apontamos onde se pôde ver o autographo.

Diz assim : « Senhor. A Bahia, capitania de Francisco  
« Pereira Coutinho, se despovoou per razão do gentio  
« d'ella lhe dar guerra haverá um anno, e elle se veio aqui  
« onde ora está, sem nunca pôr nenhuma diligencia acêrca  
« de a povoar : e ora sou informado por um Diogo Alvares,  
« o gallego, lingua que lá era morador ( que d'aqui foi em  
« um caravelão á dita Bahia ), que se fôra d'abi uma não  
« de França havia dois ou tres dias, os quaes fizeram amiza-  
« de com os brasís, e levou toda a artilharia e fazenda que  
« ali ficou, e concertaram com os brasís de tornarem  
« d'ahi com quatro ou cinco náos armadas, e muita gente a  
« povoar a terra por causa do brasil e algodões que niella  
« ha, e reedificarem as fazendas e engenhos que eram feitos,  
« e por o tal não ser serviço de Deus, nem proveito de V.  
« A., antes destruição de todo o Brasil, eu mandei ao dito  
« Francisco Pereira da parte de V. A. logo se embarcar  
« para esse reino, e fazel-o saber a V. A. ; e por não ir o  
« faço saber a V. A., e lhe mando um instrumento d'isso  
« para com brevidade prover como fôr seu serviço.

« E para guarda e conservação do brasil e de toda esta  
« costa fiz já Manoel Ribeiro portador capitão do mar, por  
« ser pessoa apta e para o tal habil e pertencente, e para  
« o serviço e cousas que cumprem a V. A. muito diligente.

« Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa que tanto cum-  
« pre a seu serviço prove-o de artilharia, polvora, de muni-  
« ção de guerra, que para o tal serviço é muito necessario;  
« porque ainda agora ao presente se mostra tão pobre que  
« não podemos fazernada sem ter favor nem ajuda sua : e  
« tanto que os engenhos se acabarem, espero em Deus aqui  
« um novo reino, e muita renda em breve tempo. As mais  
« novas d'esta terra por o portador será V. A. na verdade  
« informado por ser para isso. D'este Porto Seguro, onde fico  
« beijando suas reaes mãos. Hoje 28 dias de Julho de  
« 1546. — *Pero do Campo Tourinho.* »

Deixando pois de parte a questão de como iria ter á Ba-  
hia o seu primeiro povoador europeu « por data dos se-  
nhores da terra naturaes e direito das gentes (4) », como

(4) Esta foi a busca da doação dos senhores da terra, inventada tal-  
vez para justificar no direito das gentes a posse dos reis de Portugal  
a Bahia, engenhando em forma jurídica (nem que os indios podessem

celebreniente se expressa o padre Simão de Vasconcellos, é certo que d'esta carta de Tourinho se vê que fôra em 1545 que Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia « por data de el-rei e direito real » abandonou na mesma o lugar fortificado que ahí tinha, e o qual depois se chamou Villa Velha. Ora, segundo Gabriel Soares (Part. 1.<sup>a</sup> cap. 28) o mesmo Pereira habitára este lugar com os mais colonos por tempo de sete ou oito annos consecutivos: por esta conta vem o mesmo donatario a ter dado principio á sua colonia, indo a ella pelos annos de 1538 ou 1537, época esta cuja fixação nos interessava muito, porque não é crível que o colono europeu e christão, que por tanto tempo morára sosinho entre indios cannibae, houvesse de sahir da terra justamente na occasião da chegada dos seus patricios, que lhe vinham offerecer socorros, mercês espirituaes e corporaes, e que muito dependiam como dependeram das suas informações e auxilios, e com os quaes se pôz em tanta harmonia. Repugna á razão que o serviçal acolhedor dos outros portuguezes viesse a metter-se em um navio francez, considerado corsario, pois só de tal maneira poderia n'elle entrar impunemente, só para voltar á Europa, quando já a terra era mais frequentada de navios da sua nação, e que elle devia preferir poder ver antes a sua terra natal, os seus parentes, e o seu rei, do que outro paiz onde nunca estivera, e cuja lingua devia ignorar.

Tambem se manifesta da carta transcripta acima que Diogo Alvares sahira da Bahia para Porto Seguro, d'onde

ter de taes dotes a minima noção) uma data de terras por dote de casamento analogo ao que os escriptores portuguezes queriam ter a legitimidade da soberania do seu reino pelo dote que querem que existisse do Condado Portugalense á sua primeira rainha, não passa de puro improvisado; o que juntamente ao apparecimento do appellido *Corrêa* (do qual se tratará em uma nota adiante) no epitaphio de letra aliás moderna, que existe na Bahia consagrado pelos beneditinos á memoria da sua benfectora mulher de Diogo Alvares, e a vizinhança aos grosseiros quadros da maravilhosa historia do heroe (os quaes o Sr. Ferdinand Denis que os viu em *Brésil*, pag. 38) assevera que não devem remontar ao principio do seculo passado), nos faz crer que tudo isso foi arranjado depois do apparecimento da historia do no so Pitta.



como bom lingua e bem aparentado n'aquella terra voltou novamente a ella em um caravelão enviado, ao que parece, para sondar novidades.

Tambem na mesma carta se descobre a repugnancia que encontrava Francisco Pereira de voltar á Bahia, nem que o coração lhe presagiasse seu desastroso fim. « Tão esforçado cavalleiro, que não haviam podido render os rumes e malabares na India », como se expressa o estimavel Soares (5), sentia quebrantar-se-lhe o animo com a idéa de se ver em combate com anthropophagos, ameaçado de não ter seu corpo sepultura em terra senao nas fauces de homens feras; e nem as instancias, nem as ameaças de Pero do Campo seu par, o faziam sahir da capitania dos Ilhéos, onde dava graças a Deus de ter chegado com vida. Instava Pero do

5. Apesar das suas expressões o inculcarem por um heróe muito conhecido na historia da India, e ainda mais as com que começa o cap. 25 « quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho veja os livros da India, e sabel-o-ha, e verá seu grande valor e serviços feitos. &c. »; é certo que por Castanheda, Gaspar Corrêa, Góes, Barros e Couto não será facil alcançar a identidade da pessoa entre um dos dois Franciscos Pereiras que figuraram na historia da India: nenhum d'elles com relevantissimos serviços nem conhecido pelo cognome de Coutinho, mas só pelo de Pestana e Berredo, sem fallar em Francisco de Sousa Pereira e Francisco de Mello Pereira. Que o donatario da Bahia servira na India não padece a minima duvida, que n'isso são todos concordes, assim como que era nobre. Mas se não é facil esclarecer-nos pelos impressos, talvez que o caso se individue melhor com alguns documentos ineditos. No arm. 25, mar. unico do interior da casa da Corôa no real arch. da Torre do Tombo de Lisboa, ha duas cartas autographas a el-rei D. João III (Doc. 113 e 115) de um Francisco Pereira, pedindo recompensa de serviços, e n'ellas diz ser filho de Gaspar Gonçalo Pereira, irmão segundo de Diogo Pereira, bisneto de Martim Affonso de Miranda. Fôra á India na frota de Jorge d'Aguiar, servira com Duarte de Lemos, perdêra-se em Socotorá, tivêra cinco mezes a alcaidaria de Canahor, d'onde viêra a Cochim, &c., &c. Da carta do feitor Francisco de Carvalhaes (arm. 25, mar. unico n. 452) consta que Francisco Pereira, moço fidalgo, ia n'aquella sua não, que se demorou no Brazil, esteve em risco de dar a costa no rio de Quiloa, foram a Melinde, &c. Do Corp. Chron. Part. 2ª, Ms. 25, Doc. 43, consta que Francisco Pereira, fidalgo da casa, em 10 de Fevereiro de 1511 estava em Quiloa. Este é provavelmente o nosso donatario, que parece o denominado Pestana pelos historiadores da Asia.



Campo que fosse para o reino ; mas naturalmente levado do capricho recusou, e animou-se de resolução para voltar de novo á sua capitania, convidado tambem para isso, segundo Soares, pelo proprio gentio, a titulo de que para o resgate viam agora como lhe interessava ter taes visinhos. Resolveu-se pois a embarcar em companhia de Diogo Alvares, e ao entrar na Bahia teve a desgraça de dar á costa sobre os baixos da ilha de Taparica; e tendo conseguido escapar á furia dos mares, indo para a terra não escapou á dos desleaes *Tupinambazes*, que o assassinaram e a outros do caravelão, « do que escapou Diogo Alvares com os seus com boa linguagem » segundo o mesmo Gabriel Soares ( Part, 1ª, cap. 28 ), que acrescenta n'outro lugar ( Part. 2ª, cap. 2º ) como depois d'este naufragio celebrára o mesmo Diogo Alvares contrato com o gentio, para ir de novo habitar o sitio em que vivia « onde se fortificou e « recolheu com cinco genros que tinha, e outros homens que o acompanharam, os quaes ora com armas, « ora com boas razões, se foram defendendo e sustentando. »

Este modo de expressar de um autor tão digno de conceito, e o successo em si dão-nos desconlianças de que é, a esta occasião, e não á sua primeira chegada á Bahia em 1510, que se refere a acção heroicamente cantada, que o immortalizou sob o nome de Caramurú, e que até o poeta Durão suppõe ter sido feita quasi no meado do seculo XVI. O certo é que este nome *Caramurú* (6) só d'aqui em diante começa a apparecer, e nada obsta a po-

(6) *Caramurú* é no Brasil uma especie de moreia grande, e dez e mais palmos de comprido, cuja mordedura é perigosa (7) a ponto de fa-

(7) « Chamam os indios ás moreias *Caramurú*, das quaes ha muitas, mui grandes, e muito pintadas, como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e têm muitas espinhas, e são mui gordas e saborosas: não as ha senão junto das pedras, onde as tomam as mãos. » Gabriel Soares P. 2ª, cap. 132.

« Il y a le *Caramurú* assez semblable à l'Anguille, long d'une « brasse et demie et gros à proportion: il se trouve aussi ordinairement sous les rochers; il est fort bon, mais sa morsure est bien « dangereuse. » ( *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle « de Maragnan*. Ac., par Claude d'Abbeville. Paris 1614, fl. 216 ).

« Estes peixes ( *Caramurú* ) são como as moreias de Portugal, de

der-se asseverar que elle só então praticaria o facto do tiro da arma de fogo, que espantou e impoz tanto horror aos indigenas. Nem se nos opponha que já então o estampido d'aquella não lhes podia fazer muita novidade, por se deverem ter a elle familiarisado nos sete ou oito annos que abi estiveram Francisco Pereira Coutinho; visto que o caso se podia ter passado com outras hordas recém-chegadas do sertão, onde andavam tão nómades como ainda hoje em alguns districtos em que vivem no estado selvagem. Muito mais tarde diz Vasconcellos (Chron. n. 52) que os indios se haviam retirado « parte com o *espanto dos armas de fogo* ( *que elles admiram* ), parte com razões efficazes de eloquentes linguas, &c.

Não menos sabido é que o triste fim de Francisco Pereira tendo feito devolver á corôa a sua capitania, D. João III talvez instruido por informações vocaes do tal capitão do mar Manoel Ribeiro, recommendado por Tourinho, resolveu tomar a si a colonisação da Bahia, enviando-lhe Thomé de Sousa, com os primeiros jesuitas que passaram ao Brasil em a frota que lá chegou em Março de 1549, e achou (segundo o citado Soares) ao Caramurú com os seus compauheiros, que abi se tinham sustentado contra os indios. E no mez logo immediato ao d'esta chegada escrevia Manoel da Nobrega, principal d'aquelles padres ( a quem denominaram o *gago* por defeito que tinha na falla ), uma carta que com

zer apodrecer e grangrenar as mãos e pernas dos que d'ella são mordidos. É mais natural que Diogo ou os indios fundados n'esta circumstancia se lembrassem de applicar o mesmo nome a outro offensor igualmente terrivel e oriundo tambem do mar. Tal appellido está muito no genio da lingua guarani ou geral, quanto ao modo de dar os nomes proprios. E sendo assim, para que irmos nos enredar em outras explicações e etymologías remotas e nada plausiveis?... Rocha Pitta chegou a traduzir a palavra com o significado — *Dragão que sabe do mar*

« comprimento de dez e quinze palmos, são mui gordos, e ossados  
« sabem a leitão: estes têm extranha dentadura, e ha muitos ho-  
« mens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou  
« pernas onde foram mordidos: têm por todo o corpo muitos espi-  
« nhos: dizem os naturaes que tem ajuntamento com as cobras, por-  
« que os acham muitas vezes com ellas entoscadas, e nas pranas es-  
« perando as ditas moreias. »

MS. Jesuitico antigo da Bib. de Evora, fl. 27.

outras existe por copia n'um importantissimo livro d'ellas existente na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. Escreve Nobrega para o reino que contava aprender a lingua indigena.... « com um homem que n'esta terra (Bahia) se « criou de moço, ho qual agora anda muy occupado em « ho que ho governador lhe manda, e não está aqui. « Este homem com um seu genro he ho que mais confir- « ma as pazes com esta gente, por serem elles seus ami- « gos antigos. Tambem achamos um principal d'elles já « christão baptizado, &c.

Semelhantemente se confirma em outra carta, que está impressa na collecção que se publicou (sem declarar-se o lugar da impressão, mas provavelmente em Coimbra) no anno de 1551 (8), na qual se lê a fl. 11 v.

*« En esta capitania hallè un hõbre de buenas partes an- tigo en la tierra, y tenia dõde escrever la lengua de los in- dios, que fue pera mi grande consolacion. »*

Em quanto não produzimos adiante mais um documento da mesma origem para tirar, com a designação expressa do seu nome, de todos os escrúpulos ácerca da duvida de identidade do nosso heróe no homem que alludem os dois trechos acima, não passaremos sem fazer já os necessarios comentarios ao primeiro d'elles. Em primeiro lugar aquellas muitas occupações referidas por Nobrega são comprovadas pelo testemunho do tantas vezes citado Soares, que diz ( Part. 2<sup>a</sup>, cap. 2<sup>o</sup> ), que por mandado de Thomé de Sousa o mesmo « Diogo Alvares quietou o « gentio e o fez dar obediencia ao governador, e offere- « cer-se ao servir; o qual gentio em seu tempo ( de Al- « vares ) viveu muito quieto e recolhido, andando ordi- « nariamente trabalhando na fortificação da cidade a tro- « co do resgate que por isso lhe davam. »

(8) Eis fielmente o titulo d'esta collecção: *Copia de unas cartas embiadas del Brazil, por el padre Nobrega de la compañía de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre mestre Simon preposito de la dicha compañía en Portugal: y a los padres y hermanos de Jezus de Coimbra. Tresladadas de portuques en castellano. Recibidos el año de M. D. L.I. (gothico). Ha d'el- las un exemplar na Bib. Pub. de Lisboa. ( B—10—30 ).*

Em segundo lugar o fallar-se em *um genro* indica que já em 1549 o Caramurú tinha pelo menos uma filha casada, por tanto maior dos treze annos, o que faz remontar a união a 1535, época em que o *Diario* por que se guiou Herrera nada accusa de haverem os seus pais abandonado a terra. Dos genros do Caramurú temos os nomes de Affonso Rodrigues, natural de Obidos, marido de Madaglena Alvares, Paulo Dias Adorno, dito de Filippa Alvares (Jaboatão, Chron., cap. 7, pag. 14), e de João de Figueiredo Mascarenhas, dito de Apollonia Alvares (*Mem. da Bahia*, do Sr. Accioli, T. 3º, pag. 205).

Em ultimo lugar registemos na lembrança o fim do periodo acima para ficarmos sabendo, que já antes da chegada de Thomé de Sousa tinha havido na Bahia gente da terra baptizada, e por tanto quem baptizasse.

Recapitulando quanto havemos desenvolvido tiraremos em resumiça conclusão :

1º Que Diogo Alvares, domiciliado no Bahia desde os annos de 1510, ahi residira entre os indios consecutivamente até 1535.

2º Que desde 1538, em que ao mais tarde chegou á Bahia a colonia do seu donatario, repugna igualmente que desamparasse os seus patricios, que lhe tinham vindo trazer sociabilidade, e tão dependentes estavam do seu auxilio e conhecimento da lingua e da terra.

3º Que tal repugnancia augmenta a converter-se em evidente, impossivel a contar do anno de 1546 em diante, quando o vemos figurar como mensageiro de Pero do Campo á Bahia, salvar-se ahi do naufragio em que ficou o donatario, e depois palliando « ora com armas, ora com boas razões » estar ainda incolume á chegada do governador Thomé de Sousa em 1549.

4º Finalmente, que continuando elle d'este anno em diante a prestar aos jesuitas os bons officios, que estes se não esquecem de memorar, succede que n'esta occasião a colonia se assentou alli por uma vez, e nenhum navio de francezes, frequentando embora outros portos do Brasil, se atreveu mais a affrontar o da capital do Estado, de maneira que durante oito annos que se seguem até á sua morte, tomando-a como succedida no anno em que

assevéra Casal de 1557, não podia elle por fórma alguma ter-se embarcado na Bahia em um navio francez.

Por esta exclusão de partes parece vir a ficar só aos tres annos desde 1535 a 1538 a possibilidade de elle ter sahido fóra da Bahia a fim de ir á França para se casar com a india (reginula da terra?) sua amante nos paços reaes d'esse reino, tendo por padrinho e madrinha os soberanos, como se tem querido asseverar : todavia é justamente para este periodo e os annos seguintes, entrando pelos do reinado de Henrique II, que tem maior applicação um argumento, que não deixará de produzir igualmente para corroborar a negativa que já concluimos para os annos anteriores mais proximos: referimo-nos á falta total de alguma noticia ou informação, que mencione ou indique um facto, que aliás devia fazer-se notavel n'aquella côrte para excitar não só a curiosidade de algum minucioso narrador chronista francez como *Du Bellay*, mas ainda mais o ciúme, rivalidade e resentimento dos agentes portuguezes então residentes em França, os quaes, desde o embaixador até ao infimo espia, estavam todos interessados em tomar nota de um facto como era já a chegada de qualquer navio francez do Brasil, quanto mais do acolhimento decidido dado a um seu habitante de tantos annos, e d'essas estrandosas ceremonias de casamento e baptizado, que tão suspeitosas se lhes deviam tornar.

Correndo porém a immensidade de despachos, officios, cartas particulares, informes e mais papeis que se escreveram de França respectivos as mininas occurrencias que então se passavam acerca das negociações pendentes d'aquelle reino com Portugal, e que na melhor parte tinham por mira a sustentação da posse inauferivel do Brasil—começada a disputar por meios identicos aos que a mesma nação ainda nos ultimos tempos, contra todo o direito reconhecido por ella propria, fez com a Guyena,—é que se collige a impossibilidade da existencia de tal acontecimento, que ninguem contou; quando se tivesse succedido, tão notorio era elle que deveria apparecer noticiado por mais de uma pessoa, e em mais de uma carta, como vemos a respeito de outros de menos importancia n'esse mesmo tempo.

D'aqueiles papeis, cujas copias todas possuimos, parte terá em breve immediato cabimento n'uma segunda memoria das *Negociações Diplomaticas*, e os mais d'elles ficarão reservados para sahir a publico em um tratado separado. Pela sua leitura chegámos a estar quasi diariamente presenciando tudo quanto ácerca de objectos analogos se passava em França. E justamente do anno de 1535, o dia 1.<sup>o</sup> de Agosto foi o apresentado por Francisco I para a reunião dos dois juizes de cada parte, destinados a julgar das reclamações das duas nações, os quaes todavia só depois se poderam juntar. Por esse tempo e depois estava ordinariamente em Ly. o o embaixador Ruy Fernandes : em Paris e depois em Bordéos vigiava zelosamente o incansavel Dr. Diogo de Gouvêa, que pelas suas muitas relações, letras e estima n'aquella côrte, onde fôra educado, e pela posição social que lhe dava ahí a regencia de seu collegio, andava sempre muito bem informado de quanto occorria, e não era descuidado na sua correspondencia e deveres para com a sua patria. Da Rochella communicava o que havia Fernão Rodrigues Pereira, e tão municioso costuma ser, que não occultaria um só boato que a tal respeito corresse. Pouco depois installou-se em Bayona o juizo ou commissão mixta, e não é provavel que nem os juizes commissarios nem os do seu sequito deixassem de ter d'entre tantos requerentes portuguezes algum, que contasse os apparatos recebimentos. Ha demais no Real Archivo de Lisboa ( Corp. chr. P. 3.<sup>o</sup>, Ms. 14, Doc. 37 ) uma carta de um João Fernandes Lagarto ( explica elle que este appellido lhe proviêra de ter tido a fortuna de escapar da sanha de um tal reptil ), escripta a D. João III em doze folhas, na qual lhe relata muito cousa que vira na côrte do rei de França, a quem fallára ácerca de navegações no ultramar, mappas, terras dos Bacalhãos ( Terra Nova ), &c., e não deixaria de dar do Brasil noticia tão curiosa, quando a tivesse presenciado ou ouvido. Taes correspondencias continuam a sustentar-se ás vezes por novos individuos durante os annos seguintes, e com nenhuma temos até hoje encontrado uma só referencia a tal respeito. Ora todos estes argumentos negativos têm em boa critica a força dos positivos, uma vez que não appa-

rece um só individuo, uma só memoria escripta, que apresente em contrario uma affirmativa, que faça argumento positivo, essencial de ser combatido por outros igualmente positivos. O mesmo dizemos a respeito dos annos anteriores mais proximos, em que o silencio a respeito das particularidades em questão, que guardaram os navegantes que accusam ter encontrado na Bahia o Caramurú, é reforçado pelos das correspondencias de Jacome Monteiro, enviado á França pelo rei D. Manoel, das do mencionado Gouvêa, dos despachos do embaixador João da Silveira e de Gaspar Vaz, e das cartas de tantos outros que figuram nas primeiras questões a respeito de piratarias dos francezes no Brasil, &c., &c.

Conservamos porém ainda de reserva um documento, que a nosso ver é mais terminante; pois que em tempos posteriores (pelos annos de 1555) se diz n'elle que havia quarenta a cincoenta annos que o Caramurú, velho honrado, andava *entre os indios*, sem nada se mencionar de tal facto, como era natural, já pela sua notoriedade, já porque era razoavel explicasse que se devia abater n'esta conta alguns annos de estada fóra em uma viagem á Europa, &c., &c. E' esse documento uma carta escripta tambem da Bahia por mandado do mesmo Nobrega, existente n'uma collecção da bibliotheca publica de Evora, a qual teve a bondade de nos subministrar o nosso consocio o Sr. Rivara, e póde ser se ache igualmente transcripta no volume do Rio de Janeiro: diz assim o periodo que nos serve a fl. 189:

« O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse  
« Diogo Alvares (9) (por lingua dos indios *Caramolú*),  
« ao ho qual tem grande credito os indios por auer co-

(9) Em nenhum escripto antigo se trata do Caramurú senão com estes dois nomes. O appellido Corrêa, que recentemente se lhe acrescentou, e que até se intercalou em algumas copias modernas, e só nas modernas da obra de Gabriel Soares, deve ter-se por esparto. Nem o proprio Vasconcellos, nem Brito Freire o souberam, e parece que foi Rocha Pitta quem o desencantou, não de algum manuscrito da sua provincia, mas provavelmente da influencia genealogica de algum consocio do nosso patricio na sua campanuda Aca-



« renta a sinquoenta ânos que anda antre elles, e ser  
 « velho honrado, que andasse (*ita*) pellas aldêas com  
 « os padres promotendo-lhe ordenado delrej, o que ao bispo  
 « pareceu mujto bem e logo ho poz em obra e lhe fa-  
 « lou, e assi se fara e esta concertado ir hum dia destes  
 « por todas as aldêas a pregar contra ha abusão que esta  
 « semeada antre elles e declarar-lhes a verdade e adesser  
 « (*ita*) pai dos que se converterem. »

A' vista do exposto vemo-nos obrigados a confessar que acreditando sem a minima duvida na existencia do Caramurú, que até agora pela falta do conhecimento dos documentos muitos contestavam, temos cada vez mais motivos para crer que essa viagem á França, que a seu respeito espalhou a tradição, devia ter algum fundamento. A tradição é vaga, compõe, associa, romancea, despreza a chronologia, reúne ás vezes dois entes em um só, creando monstros, mas nunca inventa. Ora, convém saber-se que houve com effeito um europêo, lingua dos indios, que foi levado á França em uma não d'esta nação, e que d'elle faz tambem memoria o mesmo Gabriel Soares, que é dos antigos o que nos transmittiu já mais assentadas noticias do Caramurú: diz pois aquelle benemérito escriptor no Cap. 9 da Part. 1.<sup>a</sup>: « N'este Rio  
 « Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do  
 « gentio, um castelhano entre os *Pitiquares*, com os beí-  
 « ços furados como elles, entre os quaes andava havia  
 « muito tempo, o qual se embarcou em uma não para  
 « a França, porque servia de lingua aos francezes entre  
 « o gentio nos seus resgates. »

Aqui está quanto a nós explicada a tal enfeitigada viagem do Caramurú á França. Um mysterioso castelhano arrojado, sabe Deus como e desde quando, no Rio Grande do Norte era lingua do gentio visinho, com quem os francezes licaram tratando ainda depois da colonisação portugueza da Bahia e outros pontos, e algum navio

demna, que lhe lembraria serem tambem *Corréas* os *Alvares* nobres de Vianna, isto quando o Caramurú não passaria naturalmente nos seus tempos de algum miseravel grumete. Quanto a nova maneira de escrever como se segue *Caramurú*, não fará ella novidade aos que se lembrarem que a carta era ditada por um pago.

d'estes o levou á França. A tradição com o tempo registou só o facto ; lembrou-se do que succêdera a um lingua do gentio, mas esqueceu-se do nome do individuo e da data do successo, e confundiu. Eis o caso já corrente e intelligivel o erro.

Mas não deixemos escapar um argumento mais, que n'este lugar nos apparece. Soares distingue bem dois individuos quando explicou que este castelhano se fizéra botocudo, o que ninguém disse nunca do Caramurú ; ora se elle deu importancia e mencionou a circumstancia da ida á França d'aquelle, não a contaria tambem d'este se ella tivesse tido lugar ?

Passando agora a occupar-nos expressamente do assumpto do ponto que nos propomos tratar, que é o exame critico do que escreve o bahiano Sebastião da Rocha Pitta, ns. 88 e 89 do Liv. 1.<sup>o</sup> da sua *Historia da America Portugueza*, facil será, á vista do expendido, deduzir que tudo se deve ter por fabuloso.

Quer Pitta ( n. 99 ) que a viagem do Caramurú á França, acompanhado da india com que veio a casar, houvesse tido lugar no tempo de Henrique II, e que este rei com a rainha sua esposa — a celebre Catharina de Medicis — fossem os padrinhos do matrimonio, e de baptismo que primeiro se devia subministrar á gentia. Ora Henrique II subiu ao throno em 1547 ; logo só depois d'este anno, e nunca antes, poderiam lá receber-se os dois mencionados conjuges, e como o mesmo rei falleceu ( em resultado de um triste desastre ) a 10 de Julho de 1559, ha só doze annos durante os quaes deviam elles ter ido á França para poder parecer menos absurda a existencia do facto, se bem que já no dito anno de 1547 tivesse Diogo Alvares vivido tanto tempo na primeira colonia do infeliz donatario, onde o mesmo sacerdote que baptizára o principal que encontrou Nobrega o poderia ter casado, depois de igualmente baptizar a india sua amante, dando-lhe o mesmo nome *Catharina*, que era o da rainha mulher do rei D. João III ; o que tambem não julgamos ter succedido, pois que sendo ella, como igualmente se diz, filha de um principal da terra, Nobrega teria accrescentado o seu nome quando fez a menção como cousa rara do indio baptizado, que já lá achára na Bahia. E tal ida do

Caramurú á França já vimos acima como não podia ter lugar em 1547, nem em 1548, e menos ainda desde 1549 em diante.

O resto d'esse episodio narrado por Pitta deixaremos sem analyse : os periodos que contam os acenos da terra, que percebeu e a que acudiu promptamente um navio que ia feito de véla, os esforços a nado para a India alcançar a dita não franceza, &c., são fragmentos do colorido proprio dos typos gongoristicos do seculo passado, e do faustoso Mecenas (João V) a quem a obra de Pitta foi por elle dedicada. Nem mesmo julgamos conveniente negar-lhe credito á revista que accusa ter feito de antigos manuscritos. Bem haja por isso ; mas se queria que lhe dessemos assenso devia pelo menos accusar que casta de escriptos eram : d'outro modo temos direito (para não suppôrmos causa peor) a acreditar que fossem elles notas ou borrão de algum autor como Simão de Vasconcellos, cuja boa fé e autoridade passamos a analysar.

Foi Vasconcellos o primeiro que em 1663, sem mais esclarecimentos escriptos do que as poucas linhas de Gabriel Soares, que já ficam acima transcriptas, ampliou de novas circumstancias o assumpto, que pouco depois em 1675 foi revetido apenas com modificações no estylo por Francisco de Brito Freire (10), e mais tarde enriquecido com as galas da invenção de Pitta, e com as extensas e interminaveis conjecturas sem provas da diffusa penna do nosso illustre pernambucano Jaboatão. Gabriel Soares estabelecera-se no Brasil em 1570, e ainda devêra encontrar recente a historia do Caramurú para a poder ouvir da bocca dos contemporaneos e socios d'este Vasconcellos só escreveu um seculo depois, e portanto ainda suppondo que elle nada creou, e apenas pôz por escripto o que ouviria, por ventura não devemos nós condemnar como pouco segura essa tradição, que já tinha de bocca em bocca atravessado tres gerações n'um povo tropical e de ardente imaginação, quando documentos em contrario nos induzam a condemnal-a ? Toda essa narração de Vasconcellos

( 10 ) *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica*, &c. Livro 2. n.º, 135—141.

foi por elle de tal modo escripta, que não será difficil a um espirito sagaz descobrir que o autor não tinha a verdadeira consciencia no que escrevia ; e chega a fazer dó ver o pobre dando-se a tratos para arredondar periodos, tendo por todos os lados tanto espinho, de que elle a custo procurou fugir ; e com tudo é á sombra da sua autoridade que verdadeiramente descansam os escriptores que lhe succederam, incluindo o nosso proprio épico Durão, que muito é para sentir não tivesse sido precedido por um historiador, bem como o Camões o foi por Barros, cujas decadas o poeta luso necessariamente percorreu muito. E' possivel que Vasconcellos, recebendo a tradição já arranjada a modo de romance, a concertou como poudes para narrar envolvida nas fórmulas historicas estes successos, que de passagem foram tocados na obra de Soares, que facil será de provar ter sido vista por Vasconcellos (11). D'esta tendencia de Vasconcellos, para combinar e querer narrar historicamente a seu modo os factos (12) que se lhe apresentavam por assim dizer descarnados, julgamos que podiam nascer algumas das circumstancias da sua narração *novellesca* : assim além da historia do castelhano do Rio Grande do Norte, como acima mencionámos, poderia ter ajudado a formal-a a certeza de que n'aquelles primitivos tempos francezes de Dieppe, do Ha-

(11) Os ns. 51 a 55 das *Noticias antecedentes, etc.*, foram tirados do Cap. 40 da 1.<sup>a</sup> parte de Soares ; o n.º 66 do Cap. 74, etc., etc.

(12) Este nosso juizo nada tem de apaixonado : é filho de uma convicção fundamentada em muito maior copia de documentos do que devia ter o incansavel autor da *Corographia Brazilica*, quando assim se expressava (II, 88):

« O jesuita Vasconcellos, segundo o que eu pude ver, foi o primeiro que divulgou (mais de cento e cincoenta annos depois) as aventuras de Diogo Alves (aliás Alvares Corrêa) o *Caramurú* quasi em forma de novella; e os posteriores consideraram-se autorizados para enfeitá-la; e o que faz encontrar n'esta historia incoherencias e paradoxos. — O mencionado chronista que viu, (segundo elle diz) documentos circumstanciados (e que jamais produz), não sabe se a não do naufragado Corrêa ia para a India, se para a capitania de S. Vicente; pretendendo que esta estava já então povoada por Martin Affonso de Sousa!!! »

vre e Honfleur, passavam ao Brasil, d'onde levavam consigo alguns indigenas ( 13 ), e depois o nome de Catharina, que tinha a esposa de Henrique II, e por fim a vontade de se recomendar pelo maravilhoso, tudo poderia sem grandes esforços da imaginação offerecer conjecturas para formar um romance historico do genero analago aos que hoje tanto se usam ( a ponto de terem conseguido alentar o scepticismo historico ), genero de composição em que, apesar de nos apresentarmos ostentando tanta neveridade a tal respeito, já nos não podemos gabar de são ter lançado alguma insignificante pedra. E Deus permitta que não seja a unica....

Eis dada uma explicação do modo como se podia gerar o conto, e como em boa critica somos autorisados a julgar que elle se gerou, visto que seu autor se atreveu a narrar factos tão originaes, e de que já não era coevo, sem citar as fontes; como aliás usa fazer á margem, acarretando até excessiva erudição e autoridades em casos de muito menos importancia e novidade. Bem procurou Vasconcellos, receioso da manifestação dos seus anachronismos, fugir a declarar-nos a época em que elle collocava o seu episodio; mas assim mesmo não escapará de ser chamado ao rigido tribunal da critica, para n'elle se ver argumentado. Descreve este jesuita a viagem á França como se houvesse tido lugar antes do naufragio da não castelhana na

( 13 ) Se isto não fosse constante, não seria de pequena prova o acharem-se elles bem desenhados na curiosa collecção franceza de *Costumes* de 1567, que cita o Sr. F. Denis ( *Brésil* ) pag. 74 como existente na Bib. Real de Paris, o que de certo não seria só por informações verbaes: ao pé dos retratos de um selvagem e sua mulher se lê em francez :

*L'homme du lieu auquel le Brésil croist  
Est tel qu'ici à l'œil il apparoit  
Leur naturel exercice s'applique,  
Couper Brésil pour en faire trafic.*

*Les femmes là sont vestues ainsi  
Que ce pourtrait le montre et le présente ;  
Là des quenons et perroquets aussi  
Les étrangers elles mettent en vente.*

ilha do Boipeba, do qual faz menção Herrera ( n'um lugar que acima o citámos ) como succedido em 1535, que foi quando os naufragos ahi encontraram o Caramurú, a quem segundo a affirmativa de Vasconcellos Carlos V escreveu depois uma carta de agradecimento pelo agasalho que áquelles déra. Onde acharia Vasconcellos a tal carta ? E se não a viu, quem lhe contou esse caso tão galante ? E' por ventura provavel, é crivil, é rasoavel que o imperador se lembrasse de escrever a um pobre Robinson Crusóé, para lhe agradecer uma pouca de farinha e inhames dados a alguns seus marinheiros ? Mas que provavel é sim, que elle de tal facto nem chegasse a ter conhecimento. Mas Vasconcellos ainda nos vem a dar o successo como muito anterior ao anno de 1535, quando envolveu na sua narrativa o nome do ao depois mal aventurado Pero Fernandes Sardinha, que elle mette na scena a encontrar-se com o Caramurú em Paris, onde aquelle theologo, ao depois primeiro bispo da Bahia, acabára os seus estudos, e se achava de volta para Lisboa. Mas antes de partir fal-o Vasconcellos escrever a D. João III aconselhando-lhe a colonisação do Brasil, conselho que el-rei ( diz ) aceitou, retribuindo a lembrança de Sardinha com a graça de o nomear vigario geral da India. Ora passando por alto a historia d'este conselho, que nós já vimos que foi dado pelo Dr. Diogo de Gouvêa ( 14 ), sabemos que a tal estada de Pero Fernandes em Paris, segundo Nicoláo Sandero ( pag. 49 ) da sua *Historia* ( vera et sincera ) *schismat. anglican*, foi pelos annos de 1528, e teremos presente quão excluido fica este anno de admittir a possibilidade de imaginada ida do Caramurú á França sem que os visitantes da Bahia, comprehendendo Pero Lopes, logo depois fizessem d'isso menção, e sem que o embaixador João da Silveira ou algum dos seus deixassem de accusar o facto lá da França, no meio de tão activas correspondencias. E de mais quão arredado ficaria este anno do tempo em que havemos ainda de ver Henrique II a reinar para Catharina de Medicis sua mulher ser como

( 14 ) Varnhagen — *Primeiras Negociações Diplom. resp. ao Brasil*, pag. 135 do T. 1º das *Mem. do Instituto*.

rainha a madrinha, a fim de dar com a agua do baptismo o seu nome á neophita Catharina ! ( 15 )

Mas segundo outro lugar de Vasconcellos ( n. 41 ) ainda viriamos a atrazar o facto mais alguns annos ; pois quer que á primeira chegada do donatario á Bahia existissem já duas filhas legitimas do consorcio abençoado em Paris ; e para isso suppondo mesmo o anno por mais desfavoravel da chegada d'este em 1538, era necessario fazer remontar a tal ida á França para receber as benções ao anno de 1524 ( e o piloto Avila em 1526 sem saber de tal ! ), e para isso mesmo era ainda forçoso que as duas filhas tivessem sido gêmeas, e se casassem ambas logo no principio da puberdade.

Ainda tocaremos n'outro ponto do mesmo episodio, como narrado pelo mencionado jesuita : no n. 38 assevera elle que voltado Diogo de França ao Brasil pelos resgates e negócios que fez com certo mercador, que para lá o transportára, obteve artilheria e munições com que viéra a fazer uma estancia forte e a « ficar senhor de muitos escravos e vassallos, temido e respeitado das maiores potencias da costa. » Não haverá n'estas expressões certa falsa nobreza, que não se compadece com a humilde prosa dos contemporaneos que trataram de Diogo Alvares ?

Mas é já tempo de deixar em paz o jesuita portuense : antes não o poderamos fazer sem grande sacrificio ; pois que era forçoso analysar com o rigor que admittisse a historia e satisfizesse a critica qual era o conceito que devia merecer a narração d'este facto, como feita pelo seu primeiro escriptor, que os successores pouco mais fizeram do que seguir.

Voltando porém de novo a restringir-nos ao assumpto especial do nosso ponto, parece-nos em conclusão que se devem riscar das paginas veridicas da nossa historia os dois

( 15 ) *Paraguassá* diz Vasconcellos que era o seu nome indigena. Quem diria isso a Vasconcellos ? Ou andará por aqui um nome só creado para o romance, do mesmo modo que nós creámos uma Ipeca ? A fallar a verdade, para os indios tão rigorosos na applicação das metaphoras se lembrarem de chamar por antonomasia *Rio Grande*, e *Para, rio, guassá*, grande) ou *Mar* a uma bonita mulher... mas cada um pode ser.



paragraphos de Rocha Pitta, cuja analyse foi dada a concurso. Reputamol-os um bello episodio proprio para o romance e poesia, uma vez que já n'elle ha certa crença : nós todos enlevados pelos feitiços do maravilhoso demos existencia formal ao que antes não fora talvez mais do que conjecturas enfeitadas por uma imaginação creadora, e por ventura inclinada a dar insensivelmente a seus assumptos um colorido romantico, circumstanciando a narração com o engenho quando a historia ao seu tempo conhecida os não manifestava. Porém o historiador quando o queira expôr uada lhe custará a acompanhar a sua menção das previdentes expressões consentaneas a inculcar duvida. Ha certas narrações de casos mesmo fabulosos, que uma vez entradas no corpo da historia de um povo apoderam-se d'elle sem mais o largarem ; embora pelo tempo adiante venham só a mencionar-se para se asseverar que não succederam. E' o que ha de sempre acontecer na historia de Portugal a respeito das côrtes de Lamego ; que foram tão bem inventadas ( por sr. Bernardo de Brito ? ) que chegaram a ser recebidas e citadas como lei do paiz, sem nunca terem existido taes cortes. E de quantas bellas fabulas não estão cheias todas as historias ? !

Pela nossa parte se é licito em taes assumptos abraçar uma opinião de sympathia analoga áquella por que todos passamos desde os bancos da escola sob os pendões da Grecia e Roma, e ainda depois quando ao ler a historia antiga nos influíamos uns mais pelos romanos, e outros pelo atrevido e victorioso chefe dos carthaginezes, declaramos que na que fez objecto d'esta dissertação nos inclinámos justamente ao partido que as convicções da verdade e o amor ao Instituto nos fizeram combater. E que espirito haverá tão positivo e incredulo, que coração tão duro e tão de pedra, que se não commova ao ver a infeliz gentia Moema abrasada de amor e ralada do ciúme seguir a nado um navio francez, em que já a sua rival ia destructando a porfiada posse, exhalar nas aguas o ultimo suspiro ? E quem não tomaria parte na admiração de uma indigena americana quando seus olhos fartos de tantas grandezas phisicas, de tanta obra do Creador, viram na Europa pela primeira vez tanta arte, tanta obra do homem ? Quem se

não enche de jubilo ao ver-se nos paços dos Lizes presenciando a hospitalidade da rainha de França, e as descrições dos rios e produções naturaes da America feitas ao politico vencedor de Carlos V ? Quem não se commove á vista da nobre e leal rejeição do heróe de atraíçoar o Brasil entregando-o aos francezes ? Quem finalmente não se maravilha de ouvir a visão prophetizando os casos futuros do principado, hoje nosso Imperio ! E tanto mais quando é tão provavel que todos estes encantos não gozariamos nos melifluos versos da nossa epopéa, a não ter corrido como verdadeiro o facto que hoje analisamos. Talvez que sem a fé viva que na sua veridica existencia tinha o nosso poeta quando sentado á ponte da ribeira do ameno valle de *Cozelhas* (em Coimbra) dictando ao seu pardo amanuense o liberto Bernardo quantos versos lhe affluíam á mente, não teriamos hoje uma epopéa nacional, que nas escriptas em lingua portugueza occupa, assim o cremos, pela sua originalidade e viveza nas descrições e cadencia do metro, superiores ao *Affonso Africano*, o primeiro lugar abaixo do immortal poema *Os Lusíadas*, o qual acaso arremedaram de mais todos os d'essa numerosa e fecunda familia de livros escriptos em estrofa rimada como *Cerco de Diu*, *Condestabre*, *Ulysséa*, *Ulysippo*, *Malaca*, *Insulana*, *Zargueida*, *Henriqueida*, e tantos outros d'este genero, em que no numero ao menos a nossa lingua levou talvez a palma a todas do universo. O bom exito que a Camões déra o seu genio, e talvez ainda mais o seu saber e grandeza do assumpto que envolveu, fez ambiciosos de igual gloria um sem numero de versejadores de imitação (como tinham sido os successores de Dante e Petrarca na Italia), em cujas fileiras se quiz até ultimamente alistar o maledico — mas sabio — cantor do *Oriente*, que ainda pouco antes de fallecer contava como livro dos mais queridos na sua escaça livraria o nosso *Caramuru*.

---